

GÊNERO, INFÂNCIAS DO CAMPO E SUAS RELAÇÕES: TECENDO VEREDAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Laíse de Souza Nascimento ¹

Pedro Paulo Souza Rios ²

Diego Cardoso de Oliveira ³

RESUMO

O presente estudo tem como centralidade as questões de gênero e as infâncias do Campo, tecendo reflexões sobre as identidades de gênero para/na infâncias nos contextos educacionais das escolas do Campo. Seu objetivo é analisar as práticas que visibilizam e/ou invisibilizam as questões de gênero na/para as infâncias do Campo, e ainda refletir sobre ações/concepções da coordenação pedagógica de instituições infantis do Campo em relação as identidades de gênero. O referencial teórico adotado concentra-se em autoras/es que discorrem sobre a infâncias e identidade de gênero e suas implicações e relevância na/para a Educação do Campo e na Educação Infantil. Quanto ao método é uma pesquisa qualitativa e teve por procedimento as narrativas (auto)biográficas realizada com uma coordenadora pedagógica das instituições infantis do Campo de um município pertencente ao Território Piemonte Norte do Itapicuru no Semiárido Baiano. É notório, a preocupação da coordenadora em relação a formação das crianças, evidenciando a importância de trabalhar com/sobre o respeito e as diversas formas de ser e estar na sociedade, com ênfase nas diversidades presentes nos contextos escolares do Campo e os desafios que enfrentam com padrões construídos socialmente e culturalmente, na narrativa fica evidente que as crianças com processos subjetivos diferentes ao imposto pela cisheteronormatividade em nossa sociedade passam por um silenciamento. No entanto, ficou perceptível a necessidade de abriremos novas veredas no que diz respeito às questões de gênero nas instituições de Educação Infantil do/no Campo, uma vez que estas assumem um papel importante na constituição identitária das crianças.

Palavras-chave: Gênero, Infâncias, Educação do Campo.

DIÁLOGO ENTRE INFÂNCIAS DO CAMPO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Nos últimos anos, no Brasil, temos percebido uma significativa divulgação e visibilidade de pesquisas acerca dos estudos de gênero, diversidade e infâncias. No sentido de afirmar a importância de tais temáticas, em todos seguimentos sociais, principalmente nos âmbitos educacionais. Tais estudos permitem compreender na/o outra/o as diferenças, os diferentes modos de ser e estar na sociedade, as singularidades, sem nenhuma discriminação e/ou invisibilidade. O acolhimento das diferenças nas escolas é fundamental para que as/os

¹ Professora da rede pública de Senhor do Bonfim – BA; e Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, laisesouzanascimento@gmail.com

² Docente na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, peudesouza@yahoo.com.br

³ Bacharel em Direito pela Faculdade AGES – Senhor do Bonfim, diegscard.23@gmail.com



estudantes se sintam sujeitos construtores de suas próprias trajetórias, principalmente quando falamos de crianças em contextos rurais, que por muito tempo foram invisibilizadas/apagadas das histórias/trajetórias da educação brasileira.

Reconhecendo essa caminhada, muitas vezes de passos lentos da Educação Infantil e das temáticas de gênero, e quando fazemos essa relação com a Educação do Campo, nos deparamos muitas vezes com uma realidade ainda mais lenta, no que se refere as questões de identidade de gênero e sexualidade nos contextos de Educação Infantil do Campo, então, a importância de novas veredas serem traçadas no intuito de garantir uma Educação do Campo com qualidade, equidade e com o respeito as diferenças e as peculiaridades.

Enfatizar/efetivar as diferenças e as identidades de gênero no chão da escola é um caminho/vereda à ser percorrido, essas questões estão presente na mais tenra idade, por isso que são importantes adentrarem nos discursos e âmbitos educacionais da Educação Infantil, pois sabemos que as diferenças estão dentro desses contextos, mas muitas vezes ficam invisibilizadas. A Educação Infantil tem ganhado destaque no Brasil, nas últimas décadas, principalmente a partir da Constituição Federal de 1988, do Estatuto da Criança e Adolescente em 1990 e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica de 1996, que reconhecem as crianças e seus direitos. Mas, sabe-se que alguns aspectos precisam galgar espaços de efetivação, entre eles, as identidade de gênero e a diversidade, para Guizzo, Beck e Felipe (2013) mesmo a infância tendo conquistado espaços significativos no tocante de direitos, reconhecimentos e estudos, percebe uma carência de pesquisa que articulem a infância com as temáticas de gênero e sexualidade.

Assim, o presente estudo busca refletir sobre as questões de gênero na Educação Infantil do Campo, elucidando as relações presente nos contextos educacionais infantis e como acontecem nessas realidades. Desse modo, esse texto tem como objetivo é analisar as práticas que visibilizam e/ou invisibilizam as questões de gênero na/para as infâncias do Campo, e ainda refletir sobre ações/concepções da coordenação pedagógica de instituições infantis do Campo em relação as identidades de gênero.

Falar/investigar e entender sobre as questões de gênero é de suma importância e vem ganhando força nos últimos anos, e refletir essas questões dentro dos contextos educacionais é um caminho necessário, quando pensamos em uma educação de qualidade e que assegure o respeito a diversidade. Desse modo, é necessário compreender como as questões de gênero na Educação Infantil do Campo estão sendo elucidadas e como acontecem nesse contexto.



METODOLOGIA: AS VEREDAS PERCORRIDAS

O estudo segue o percurso das teorias pós-críticas, que contemplam as questões de gênero, sexualidade, identidade, subjetividade e diferença (SILVA, 2015), se aproximando dos estudos *queer*, para Louro (2016, p. 39) “*queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora”. Nesse entendimento, o estudo buscou-se na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica, com enfoque na entrevista narrativa uma vereda investigativa para tecer narrativa docente e alcançar os resultados. De acordo com Meireles e Souza (2013), a pesquisa (auto)biográfica com as narrativas docentes, envolve-se com a valorização da vida humana, essa que é traçada pelas experiências, as quais são representadas por histórias e experiências singulares, sendo narradas suas travessias, as/os professoras/es se percebem como protagonistas de suas próprias histórias. Assim, é possível que as/os docentes se percebem construtoras/es de trajetórias profissionais e pessoais. Nesse sentido, as narrativas vão se constituindo como um método muito utilizado e relevante nas pesquisas dentro das Ciências Sociais (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008). Assegurar as narrativas/falas de docentes/sujeitos no processo de pesquisa é afirmar seu lugar de fala e valorização de suas histórias/formações e suas peculiaridades, tornando oportunidade fundamental para que os sujeitos envolvidos, falem sobre si, suas memórias formativas, falar enquanto pessoas construtoras de trajetórias.

A entrevista narrativa aconteceu no dia 20 de janeiro de 2025, tendo como participante a Coordenadora Pedagógica de Educação Infantil do Campo, de um município pertencente ao Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru, no Semiárido Baiano. Segundo a narrativa da coordenadora, o ano letivo de 2024, o município tinha quinze (15) instituições de Educação Infantil no Campo e uma (1) na sede do município, as quais são duas coordenadoras pedagógicas para exercer o trabalho de coordenar/orientar os trabalhos/práticas e formação continuada das/os professoras/es em todas essas instituições, é importante sinalizar que compreendendo esse contexto, a coordenadora não é somente coordenadora pedagógica das escolas infantis do Campo, e sim do Campo e do perímetro urbano. Pensando nessa realidade, fica o questionamento, qual/is desafio/s dessas duas profissionais para atender as demandas dessas instituições e suas comunidades escolares, e ainda lembrando que são escolas de perímetros urbanos e escolas do Campo, as quais precisam enfatizarem suas peculiaridades em



seus currículos e práticas pedagógicas e docentes.

Antes de iniciar a gravação, foi realizada uma breve apresentação do objeto da pesquisa, falando a problematização e objetivo do estudo e quais pontos retratados durante a entrevista, e também a explanação sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, tendo orientação para leitura e em seguida assinatura do mesmo. Após os esclarecimentos acerca de possíveis dúvidas, começamos a entrevista, a mesma foi realizada na casa da coordenadora com o local e horário definido por ela. Com o intuito de anonimato, a coordenadora é apresentada por nome fictício a partir de uma flor da caatinga, Flor de Mandacaru.

A coordenadora Flor de Mandacaru tem formação em Licenciatura em Matemática e Bacharel em Serviço Social, e ela também contou que: “fiz uma pós-graduação em Educação Infantil, que é minha área, e depois uma pós-graduação em Gestão Escolar, e aí eu estou na coordenação, mas não sou formada em Pedagogia. A Pedagogia que tenho é dos anos, são vinte e cinco anos de profissão”, assim, ela foi tecendo seu percurso formativo.

GÊNERO E INFÂNCIAS DO CAMPO: QUAIS RELAÇÕES E VEREDAS PERCORRIDAS?

A educação na contemporaneidade tem exigido novos posicionamentos sociais e humanos, principalmente das pessoas envolvidas nos processos educativos e pedagógicos, os novos posicionamentos estão intrinsecamente com as mudanças e transformações sociais, culturais e históricas, as quais adentram também os contextos escolares. Essas transformações se colocam, como trajetos para a construção/fortalecimento da diversidade e que a educação se torne espaço das diferenças, da equidade e da coletividade e rompa com ações de silenciamento e discriminação em nome de uma normatividade.

A Educação Infantil do Campo é um lugar fértil de construções de saberes e conhecimentos, porém por vezes são negligenciados e/ou negados. Mas, é necessários novos posicionamentos de docentes e da gestão escolar em relação a concretização de ações que garanta formação pautada na contextualização e na valorização das trajetórias campesinas.

A escola pode ser um lugar privilegiado de formação, de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, adolescentes, jovens e adultos. Não para fechar-lhes horizontes, mas para abrir-los ao mundo desde o campo, ou desde o chão em que pisam. Desde suas vivências, sua identidade,



valores e culturas, abrir-se ao que há de mais humano e avançado no mundo (ARROYO, CALDART, MOLINA, 2011, p. 14).

A escola para tornar-se um lugar de memórias, formação e construção de conhecimento precisar abrir veredas ao mundo e as mais diversas identidades e conhecimentos, e sempre evidenciando as vivências e culturas das/os estudantes e da comunidade local. E as escolas do Campo precisam garantir esse lugar de formação e identidades camponesas, pois a Educação do Campo nasce no anseio por uma educação por/para as pessoas que vivem do/no Campo, foram travadas diversas lutas, essas lutas foram se vinculando e intensificando por uma Educação do Campo que levasse em consideração os povos do Campo e suas realidades (CALDART, 2011).

As/os professoras/es das escolas do Campo precisam ter um olhar sensível para articular as práticas pedagógicas que considerem as infâncias e suas peculiaridades, e ainda com as especificidades dos contextos rurais, dos trabalhos, das relações com natureza e as diversidades culturais. Pensar as infâncias do Campo, a coordenadora pedagógica Flor de Mandacaru sinalizou que:

Então o professor tem toda essa parte de aproveitar na infância. A infância é o começo da vida, da vida escolar, da vida adulta. É o começo de tudo. Se resume a isso, a infância é o começo, e é na infância que eu ensino o meu aluno a ter respeito, a valorizar, ser cordial, é na infância que faço isso.

Mesmo a infância sendo sinalizada pela coordenadora pedagógica como o início da vida e do processo escolar, não podemos deixar de evidenciar e afirmar que as crianças tem muitos saberes e são possuidoras de muitos conhecimentos e que vivem as mais diversas culturas, então é necessário articular os novos saberes com os saberes das/os estudantes, e é importante trabalhar a partir dos saberes que as crianças já construíram e também com e sobre o respeito, as diversidades e valorizar as diferenças.

Desse modo, é imprescindível refletir as práticas pedagógicas e docentes para as infâncias do Campo, qual/is papel/is da escola na/para formação dessas crianças, pois essa assume um papel significativo na trajetória das crianças camponesas, e, no entanto, é necessário compreender as diversas crianças e infâncias contemporâneas, a “infância deve ser compreendido como fluido, múltiplo, estável e heterogêneo” (GUIZZO; BECK; FELIPE, 2013, p. 19), cada criança tem características peculiares, com modos de ser, estar, viver, brincar específico, e que as infâncias estão em movimentos, então é necessário que as subjetividades



sejam consideradas nos currículos, nas práticas pedagógicas, nas brincadeiras e nos recreios escolares .

Diante desse cenário, a Educação Infantil é um campo fértil para trabalhar/inserir as questões de gênero, nesse sentido a coordenadora Flor de Mandacaru falou a partir de seu trabalho vislumbrando as questões de gênero, juntamente com as/os professoras/es, pois são essas/es que irão atuar diretamente com as crianças. Compreendemos a importância da coordenação pedagógica, onde coordena e orienta as práticas de professoras/es, mas são as/os professoras/es que vão para o chão das escolas.

Na Educação Infantil, trabalho com a questão de gênero no projeto da gente: “quem cuida de mim”, quando a gente fala em orientação sexual existe um tabu. Mas para a criança é mais fácil, porque ela não tem preconceito que o adulto tem. É aí que digo respeito, na infância que trabalho o respeito, eu não vou dizer para a criança: olha quando você crescer, você vai casar com mulher ou com homem, não é isso. É mostrar para a criança que o papai mais o papai são pessoas que tenho que respeitar, que a mamãe com aquela mamãe, são duas mulheres que preciso respeitar.

A coordenadora vai tecendo sua narrativa que a partir do projeto “que cuida de mim” trabalham as questões de gênero com as crianças, descrevendo que é um caminho mais fácil, pois as crianças não têm o preconceito que as/os adultas/os têm, além que o trabalhar a partir das questões de gênero, não é definir e construir padrões, o contrário romper com os heteronormativos presente ainda em muitos currículos e práticas educativas. Tais práticas sinalizadas pela coordenadora mostram caminhos de compartilhar/ensinar sobre o respeito as diferenças e as diversidades humanas. Que as escolas e os currículos “deve ser território para hospedar as diferenças” (PARAÍSO, 2018, p. 24).

As escolas, a partir dos trabalhos docentes, dos currículos tem um papel crucial, no sentido de fortalecimento e visibilidade e/ou no silenciamento (SILVA, 2015), das questões de identidade de gênero. Vale salientar que a educação precisa buscar e efetivar novas estratégias, novas pedagogias que sinalizam novas construções, conforme sinaliza a coordenadora Flor de Mandacaru: “preciso trabalhar para que as crianças cresçam respeitando os valores. Precisam respeitar a opinião, decisão e os modos de ser do outro. Nós trabalhamos voltado para os valores e o respeito”, os aspectos que Flor de Mandacaru sinaliza em sua narrativa é uma questão essencial e necessário para trabalhar e efetivar nos contextos escolares com as crianças sobre o respeito e as diversidades humanas, sociais e culturais.



Problematizar essas questões nos contextos infantis é necessário e urgente, se a/s pedagogia/s aplicada/s nesses contextos não abarca/m essas questões, é o momento de vislumbrar novos caminhos, novas veredas. Assim, propõe pensar/efetivar outra/s pedagogia/s para as infâncias, podendo ser pelas veredas da pedagogia *queer*, pois essa visa ações pedagógicas destinadas a modificar a realidade tradicional, a pedagogia *queer* traz estratégias de (de)construção, de viabilizar as diferenças. Para Louro (2016, p. 49), “uma pedagogia e um currículo *queer* estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades”. Que a pedagogia *queer* seja diálogo nas escolas infantis do Campo, demarcando a importância das diferenças e das diversidades, no tocante de equidade e rompendo com as normatizações que separam, silenciam as vozes, os corpos e comportamentos infantis.

Que a educação se torne voz de todas/os, com a garantia de respeito e valorização das identidades. A coordenadora Flor de Mandacaru narrou que nas escolas do Campo que atua, é evidente os diversos modos de ser crianças. Diante dessa realidade, evidencia seu papel enquanto coordenadora.

Aquelas crianças que desde de cedo traz traços afeminado ou traços masculinizados, nós temos. E aí, as crianças não chamam o coleguinha de viadinho, ou de sapatão. Quem chama é o pai e a mãe delas, quem tem esse hábito feio é o adulto. A criança não vai olhar para a outra com julgamento, nós adultos que olhamos para as crianças e pensamos “será meu Deus, acho que a opção desse aqui vai ser diferente do outro”, o adulto é malicioso. Mas a criança não olhar assim: Ah, fulano tem jeitinho de viado, ah, fulano tem jeito de macho-fêmea, as crianças não têm, quando elas dizem isso, elas dizem foi meu pai, minha mãe. Elas falam: “pró meu pai disse que esse menino quando crescer vai ser viado”, “minha mãe disse que não é para andar com fulana, porque ela só quer anda com meninos”. É o adulto que destrói, e aí o que tenho que fazer? Trabalhar com valores, com respeito. E é isso que nossos professores fazem e é isso que nós orientamos também, trabalhar com o respeito as diferenças.

A escola como espaço de socialização e formação, e o currículo escolar sendo espaço legitimado de “relação de poder” (SILVA, 2015), precisar ser também espaços das diferenças, de representações, de problematizações e inquietações. É esse é um papel que cada professor/a tem que ter o compromisso com cada criança em formação, efetivar o que a coordenadora vai falando, trabalhar com/sobre o respeito as diferenças.

Dessa forma, é inevitável que as pedagogias e currículos sejam ressignificados, onde as crianças que têm traços oposto ao “padrão” de seu sexo biológico, não sejam rotuladas com



“viadinho ou sapatão”, então a coordenadora vai descrevendo que as crianças não apontam às outras com tal estranheza, como sendo a estranha, a “*queer*” (LOURO, 2016), é a pessoa adulta que constrói esse estereótipo normatizado em uma sociedade sexista, heteronormativa e preconceituosa. Nessa perspectiva, Flor de Mandacaru vai tecendo sua narrativa, afirmando que:

A gente está em uma sociedade machista que o menino tem que ser grosso desde da infância até adulto, e que a menina tem que ser carinhosa desde da infância até a fase adulta. Aí quando pega uma menina arretada é macho-fêmea e quando pega um menino carinhoso é viado. E a criança não tem esse olhar, quem tem é o adulto. E aí, que entra nosso trabalho, com o respeito, valores, pois são mais importantes. A criança quando aprende esses valores e esses respeitos, ela vai ser um adulto sem preconceito.

Ainda é presente na contemporaneidade, esse “modelo” naturalizado e que se alastra socialmente, de que a menina é dócil e passiva, enquanto o menino é o rude e ativo. Esses modelos são ensinados de forma rígida e que meninas e meninos se tornam objetos desses processos por meio de controles efetivados na escola (GUIZZO, 2013). Quando as crianças transgredir essas fronteiras, são ditas “anormais” e “estranhas” aquelas que provocam desestabilidade social. Para Silva (2015) a estranheza perturba a tranquilidade da “normalidade”. A coordenadora pedagógica sinalizou a importância do trabalho docente no entendimento sobre as identidades de gênero, trabalhando/ensinando com/sobre o respeito e os valores para construção de uma sociedade respeitosa com as diversidades humanas, sociais e culturais.

Nesse sentido, permanece o desejo que a pedagogia *queer* se faça presente e afete os contextos escolares e que vislumbre novos horizontes e novas trajetórias para as infâncias. Que práticas tradicionais não interfiram na formação de crianças e que essas continuem vendo o mundo sempre com o olhar de criança, sem estranheza, preconceito e respeitando as diferenças. Que as infâncias do Campo sejam consideradas em todas suas especificidades, e seguindo pelas veredas das diferenças de gênero, das identidades campesinas e as diversidades presentes nos contextos sociais e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: FINALIZANDO ESSAS PALAVRAS COM PROPÓSITO DE NOVAS CONSTRUÇÕES



A Educação Infantil como o início da caminhada das crianças nos contextos escolares, constitui-se um campo muito importante na/para formação delas, desse modo, ressalta a importância das propostas/práticas inseridas nas salas de aulas, que tenham compromissos com as mais variadas formas de pensar, de ser e de estar socialmente e culturalmente. É perceptível as transformações ocorridas sobre a Educação Infantil e a Educação do Campo, mas é evidente que ainda precisa galgar novos espaços no intuito de (re)construção de pedagogias e ações/práticas que reconheçam as potencialidades, as especificidades e as diversidades humanas presentes nas turmas de Educação Infantil, e que as leis/normas educacionais e estudos acadêmicos se concretizem no chão das escolas, em especial das escolas do Campo, que por vezes foram/são invisibilizadas ou chegando nesses contextos o que restou das escolas do perímetro urbano.

É notório a partir da narrativa da coordenadora a preocupação com a formação das crianças, e que essa preocupação é compartilhada com professoras/es, no sentido do respeito as diferenças e as diversidades humanas e culturais. Dessa forma, afirma que as crianças não fazem julgamentos, e sim as/os adultas/os, essas/es que seguem uma normativa, um padrão construído socialmente e culturalmente, e que vão ensinando para crianças. Percebe-se os desafios que as instituições escolares têm na desconstrução das normatividades e na construção no viés das diferenças, no ensinar/respeitar às crianças na perspectiva de transgressões das fronteiras, da liberdade de ser e viver as mais diversas infâncias e diversas formas de viver e estar no mundo.

Nesse sentido, entende-se que não podem refletir/articular processos educacionais para as infâncias ignorando o ser criança e suas peculiaridades. As práticas pedagógicas precisam abarcar todas as complexidades, no que se refere as realidades contextuais, as subjetividades infantis, as diferenças, as identidades e representações do ser criança. É evidente os desafios apresentados na/para a educação destinada às crianças, por isso, é preciso problematizar os currículos, as práticas pedagógicas e docentes e as pedagogias, e então, a partir disso, reinventar-se novos processos educacionais e os novos modos de ver as infâncias, precisamos entender que as antigas/tradicionais práticas não correspondem mais as novas gerações e suas concepções de enxergar o que existem e as complexidades humanas e culturais.

É necessário, os enfrentamentos das estratégias que buscam impedir propostas/trabalhos com as relações de gênero, de sexualidade, das diferenças e das pedagogias e currículos *queer*. A coordenadora vai evidenciando que as crianças com características/modos que são opostos o que determina as normatividades vigentes em nossa sociedade, são as pessoas adultas que



insistem em demarcar o modo de ser e estar na sociedade e assim fazendo uma “proibição” da/o filha/o ter contato com essa criança, é nesse momento que o trabalho das/os professoras/es precisam fazer a diferença. Considerando a narrativa da coordenadora Flor de Mandacaru, percebe-se que novas veredas precisam serem feitas e a escola tem um papel importante nessa construção, não é uma construção fácil, mas muito necessário e urgente. Seguimos com desejos e lutas por uma Educação Infantil do Campo que considerem as mais diversas formas de ser, de viver e estar socialmente e culturalmente.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. (organizadores). **Por uma Educação do Campo**. / 5.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CALDART, Roseli Salete. **Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção**. In.: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. (organizadores). **Por uma Educação do Campo**. / 5.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada; FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade: articulações possíveis. In.: GUIZZO, B. S; BECK, D. Q; FELIPE, J. (organizadoras). **Infância, gênero e sexualidade**: nas tramas da cultura e da educação. – Canoas: Ed. ULBRA, 2013.

GUIZZO, Bianca Salazar; Masculinidade e feminilidades em construção na Educação Infantil. In.: GUIZZO, B. S; BECK, D. Q; FELIPE, J. (organizadoras). **Infância, gênero e sexualidade**: nas tramas da cultura e da educação. – Canoas: Ed. ULBRA, 2013.

JOVCHELIVOTCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. IN: BAUER, Martir W.; GASKELL, George (editores); **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. – 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. disponível em: <https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2017/10/pesquisa-qualitativa-com-texto-imagem-e-som-bauer-gaskell.pdf>. Acesso em 22 de jan. de 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** – ensaios sobre a sexualidade e teoria queer / Guacira Lopes Louro. – 2.ed.; 3.reimp. – Belo Horizonte: autêntica, 2016.

MEIRELES, Mariana Martins; SOUZA, Elizeu Clementino. Experiências espaciais e (auto)biografia: geobiografizando a vida e a profissão em contextos rurais. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Clementino. **Pesquisa (auto)biográfica**: narrativas de si e formação. 1. ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.

PARÁISO, Marlucy Alves. Fazer dos caos uma estrela dançarina no currículo: invenções política com gênero e sexualidade em tempos de *slogan* “ideologia de gênero”. In: PARÁISO,





Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (organizadoras). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades.** – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. – 3. ed.; 7. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

